

Roma com 27 mapas antigos de Ptolomeu, sendo que de modo incompreensível se interrompe o êxito editorial desse monumento bibliocartográfico, precisamente quando se realizam as mais sensacionais descobertas geográficas levadas a efeito durante todo o curso da história universal.

O Autor cita a opinião de Nordenskiöld (**Facsimiles Atlas**, página 62) que justifica esse hiato pela indiferença como foi recebida na Europa a notícia dessas grandes descobertas, e contesta tal opinião com grande vantagem.

Na nossa opinião, melhor se explica tal hiato pela confusão que se estabeleceu entre os cosmógrafos da época, os quais não chegaram a um acôrdo, a não ser quase no fim do século XVI, sobre as terras do Ocidente, cuja existência foi revelada pela carta de Colombo a Luis Santangel e Gabriel Sanchez e pela carta de Amerigo Vespucci a Lorenzo de Pier Francesco de Medicis, mais conhecida por **Mundus Novus**. Refletem tal confusão os primeiros mapas desenhados após o descobrimento do Novo Mundo.

De fato, alguns cosmógrafos entendiam que as ilhas e terra firme descobertas por Colombo, que hoje compreendem as Américas do Norte e a Central, nada mais eram do que o prolongamento da Ásia, sendo que a América do Sul era um novo mundo que imaginavam ora ligado por um istmo a essa suposta região asiática, ora dela separado. Outros acreditavam que tanto a América do Norte como a Central e a do Sul, nada mais eram que terras da Ásia. Um terceiro grupo de cosmógrafos, levando em consideração a descoberta do Pacífico por Balboa, a viagem de Magalhães que revelou a grande extensão deste oceano e as explorações da costa Oeste do México e Califórnia por Cortez e seus companheiros, acertadamente admitiam que entre as costa oriental da Ásia e a ocidental da Europa e África, se interpunha de polo a polo um grande continente que, na nossa opinião, quem primeiro isso concebeu e divulgou foi Vespucci, sendo que Waldseemuller ao desenhar em 1507 o seu famoso mapa, se inspirou na concepção do Florentino.

O estudo bibliográfico e crítico das diversas edições da **Geografia de Ptolomeu**, feito pelo Autor, evidencia que profundas foram as suas pesquisas, dando-lhe autoridade para opinar com acêrto sobre a cartografia pré e post-colombiana. Com a publicação de mais êste livro, inegavelmente que o Autor enriquece a bibliografia dos assuntos que dizem com a história da geografia em geral e, com a da América, em particular.

T. O. MARCONDES DE SOUZA.

*

* * *

CHAUNU (Pierre). — **Les Philippines et le Pacifique des Ibériques (XVI^e, XVII^e, XVIII^e siècles) — Introduction Méthodologique et Indices d'Activité.** Coleção Ports. Routes. Trafics. SEVPEN, Paris 1960, 301 págs.

As transformações, os impulsos e as pulsações, que o derrame metálico hispano-americano provocou, numa escala realmente mundial, têm sido estudados com atenção há já alguns anos. Essa bibliografia recebe, agora, mais uma importante contribuição com o trabalho mais recente de Pierre Chaunu. Bem escrito, bibliográfica e documentalmente fundamentado de forma maciça, como tudo que Pierre Chaunu faz, assim se apresenta este largo escorço (“*Ce petit livre, ce gros article* pg. 11; “*on ose, à peine, parler de livre*” p. 17), fecundo em diretivas postas à reflexão e orientação dos historiadores-economistas. O Autor, que, de resto, já nos anuncia para breve um “*Cádiz et l’Atlantique*”, continua assim sua exploração sistemática desta primeira economia-mundo.

Pelas reflexões e trabalhos de Earl J. Hamilton e Fernand Braudel, um trabalho sistematicamente conduzido levou o Autor, neste seu novo livro, a examinar e a tentar situar com a maior precisão possível a posição do Pacífico Ibérico “...*les spécificités et les conformités de la conjoncture de l’économie coloniale philippine par rapport aux autres conjonctures, par rapport, si le mot n’est pas trop ambitieux, à ce que déjà nous savons d’une conjoncture mondiale*” (p. 24). A investigação através dos bem conservados arquivos espanhóis, não foi sempre fácil, evidentemente, e isto não só pela massa considerável da documentação, mas também, por dificuldades decorrentes do estado dos documentos (1). Depois, a aplicação de uma crítica, necessariamente rigorosa, aos elementos colhidos, para compor, assim, as séries de “Índices de Atividade” sobre os quais se fundamentar (2). Além do que, o Autor fornece ainda, ao final de seu trabalho, uma útil “Orientação Bibliográfica” (pp. 271-295), onde reúne Fontes Manuscritas e Impressas.

O arquipélago filipino se apresenta então como uma base de observação segura, extremo ponto da expansão européia a leste “...*l’aboutissement ultime des vagues successives d’entreprises qui ont abouti à souder grossièrement le monde, à passer de la structure de l’humanité de l’Ancien âge à la première esquisse d’une structure continue de la présence humaine*” (p. 19). Observatório assentado sobre esse ponto extremo “ocidental” de uma outra rota da prata americana levada à bordo dos galões de Manilha. Unidade do mundo que essa prata criara! (3). Ligado à Nova Espanha pela via-

-
- (1). — Papel de Castela, de enorme preço, ou, a alternativa: papel chinês, ou o fabricado pela colônia chinesa local, mas, posteriormente, de fácil fragmentação. Cf. p. 28, nota 2. Um detalhe, entre tantos testemunhos, do esforço de uma presença.
 - (2). — Um exemplo entre muitos: a discussão da série 13, pp. 51-56; *Mouvement unitaire annuel des entrées dans le port de Manille, d’après les comptes de l’almojarifazgo, de 1577 à 1787*. Mas, todo o aparelho estatístico, não é ele, uma bela lição de elaboração segura e prudente?
 - (3). — “...*n’est-ce pas cette unité du monde que l’argent américain a ainsi crée par son universelle présence, fruit d’une universelle convoitise?*”, p. 26. Cf. Spooner, Frank C. — *L’Économie mondiale et les frappes monétaires en France (1492-1680)*. Coleção Monnaie. Prix. Conjoncture. SEVPEN, Paris 1956, 545 pgs., 29 estampas, gráficos.

gem difícil e necessária do galeão, mas centro, também, de convergência no Extremo-Oriente: China, Macau, Japão, Índia, Insulíndia, além da presença europeia: portugueses e espanhóis bem entendido, mas depois holandeses, ingleses... Basta ver o que a série do Movimento unitário do Pôrto de Manilha (série 13), pp. 147-198, nos mostra.

Sêda para as aristocracias coloniais: México, Perú e mais além Sevilha e o consumo europeu; prata para o Império do Meio. Realmente, as Filipinas se transformaram num centro de convergência de "homens e mercadorias", neste Extremo-Oriente de múltiplos e variados contactos (4). De fato, o derrame da prata americana criou enormes liames, ampliou-os, acelerou-os! (5).

Assim, no plano das relações com a conjuntura, ou as conjunturas, no grande "dossier de l'histoire en conjuncture", neste Pacífico ibérico, o Autor pode constatar de modo decisivo uma " . . . corrélation positive simple à l'échelle des mouvements intercycliques dans l'espace Pacifique de l'Espagne et la conjuncture Atlantique et européenne. Cette corrélation positive simple ne se dément pas depuis le dernier tiers du XVIe siècle jusqu'à la fin du XVIIIe siècle. Elle se double, d'une manière plus précise, à l'échelle, toujours, des mouvements intercycliques et, a fortiori, séculaires, d'une corrélation positive élémentaire entre les grandes lignes de la conjuncture des prix (en Hollande et en Espagne notamment) et la conjuncture de l'activité générale des trafics dans l'océan Pacifique" (p. 265).

Para os que procuram, atentos à conjuntura, um exame cada vez mais cerrado das tendências dominantes e suas possíveis particularidades — fluxos e refluxos, avanços e recuos — face ao que já se sabe, ou se domina melhor, o livro do Autor de "Séville et l'Atlantique" revela-se um exemplo seguro: metodologia e técnicas de elaboração de um lado, e um Extremo-Oriente — e suas articulações e movimentos na sua porção mais "ocidental" — sob uma nova luz. Aclarando e confirmando de forma vigorosa problemas do Império espanhol, da vanguarda filipina, e de seu apôio imediato e necessário: a Nova Espanha.

LUÍS LISANTI FILHO

*

* *

-
- (4). — O Autor já fizera uma abordagem inicial da questão num artigo incisivo: Pierre Chaunu, Le Gallion de Manille. Grandeur et décadence d'une route de la soie. Annales. ESC. outubro-dezembro, 4, 1951, pgs. 447-462. Cf. ainda Pierre Chaunu, Une grande puissance économique et financière: les débuts de la Compagnie de Jésus au Japon (1567-1583). Annales. ESC. abril-junho de 1950, 2, pgs. 198-212. Projeção das Filipinas, recuo português no Japão. E a notar êstes portugueses a bordo de navios em proveniência do Japão: 1591, 1599, 1600, 1601. Aventura? Presença comercial? (Cf. série 13).
- (5). — "...cette diffusion, c'est une façon brutale de lancer, d'accélérer, d'amplifier les rapports marchands entre Europe et Extrême Orient...". Spooner — Frank C., ob. cit., p. 26.